

Gerenciamento de riscos, fundamental para a perenidade do negócio

Sidney Ito, CEO do ACI Institute Brasil e sócio de Consultoria em Riscos e Governança Corporativa da KPMG

Fernanda Allegretti, sócia-diretora do ACI Institute e de Markets da KPMG

🕒 Tempo de leitura: 6 minutos

As organizações que primam por um alto padrão em governança corporativa estão cada vez mais empenhadas em divulgar seus principais riscos com o máximo de clareza e precisão; e, quanto mais regulado é o setor, maior é o percentual de empresas que possuem uma área dedicada ao gerenciamento de riscos.

Essas e outras conclusões podem ser encontradas na 5ª edição do estudo “Gerenciamento de Riscos”, que se baseia em informações publicadas nos Formulários de Referência de empresas que negociam papéis na Bolsa de Valores. O Formulário de Referência é um documento público, divulgado anualmente pelas companhias abertas.

Elaborada pelo ACI Institute Brasil, da KPMG, que desde 2004 atua no País com o objetivo de disseminar a importância das boas práticas de governança corporativa, a edição de 2020 do estudo analisa as informações prestadas por 218 empresas, que apontaram um total de 4.586 riscos.

Os dez riscos mais citados são condições econômicas e de mercado, riscos regulatórios, riscos aos acionistas, riscos operacionais, riscos financeiros e de caixa, concorrência, riscos jurídicos, riscos associados à execução da estratégia de negócios, riscos associados à atuação de acionista controlador e riscos de mudança nas políticas governamentais sobre o setor.



Sidney Ito



Fernanda Allegretti

Os outros 15 principais riscos apontados pelas empresas são: inadimplência (63%); seguros contratados (61%); tributários (60%); capital humano (60%); socioambientais (56%); insumos (55%); subsidiárias, controladas ou investidas (52%); dependência com relação a fornecedores (50%); atuação dos gestores (50%); tecnologia da informação (50%); reputação da companhia ou do setor (49%); ação da natureza (46%); condições econômicas e de mercado internacionais (46%); condutas ilícitas, como fraude, corrupção ou suborno (37%) e concentração das fontes de receita (36%).

TI e seguros contratados

No levantamento anterior, os seguros contratados eram apontados como fator de risco por 43% das empresas, contra 61% no estudo atual. Essa elevação pode ser explicada por uma mudança de visão das organizações: antes, elas raramente se lembravam de citar esse risco; agora, focadas no constante aprimoramento da transparência e da governança, passaram a divulgá-lo.

Também chama atenção que os riscos associados à tecnologia da informação tenham sido apontados por apenas 50% das companhias. O certo mesmo, em tempos de intenso trânsito de dados e compartilhamento de informações sensíveis por meios eletrônicos, seria 100% das empresas estarem preocupadas com o tema. É bem provável que a maior ênfase nesse tópico seja detectada na pesquisa de 2021.

Área de gerenciamento de riscos em 62% das empresas

Hoje, 62% das empresas da amostra analisadas contam com uma área de gerenciamento de riscos. É um percentual que vem crescendo de maneira consistente desde 2012. Conforme destacamos no início deste artigo, o grau de regulamentação de cada segmento tem sido determinante para que as organizações instituíam um departamento voltado a essa finalidade. Por exemplo: 100% das empresas do setor de comunicações têm área de gerenciamento de riscos; em finanças, esse percentual



A pandemia obrigou a maioria das organizações a criar um comitê de crise, o que tem contribuído para acelerar a criação de áreas de gerenciamento de riscos



Números de empresas por setor de atuação



Percentual de empresas que têm uma área de gerenciamento de riscos





é de 69%. Mas, quando fazemos um recorte específico para bancos, temos um salto para 93%.

Além da regulamentação, o faturamento também sobressai como fator determinante para que as empresas invistam ou não em uma área de gerenciamento de riscos.

Isso não deveria ocorrer, pois o risco estará presente em qualquer negócio, independentemente do seu porte. Ainda assim, conforme quadro abaixo, 94% das empresas que faturam acima de R\$ 10 bilhões/ano contam com esse departamento, contra apenas 18% daquelas que anualmente faturam no máximo R\$ 500 milhões.

Conclusões

As empresas estão cada vez mais atentas à importância de divulgar os riscos de uma forma mais precisa e detalhada. Além disso, a pandemia obrigou a maioria das organizações a criar um comitê de crise, o que tem contribuído para acelerar a criação de áreas de gerenciamento de riscos. É bem possível que, a partir dos próximos levantamentos, essa mudança já seja perceptível.

Hoje, existe um maior ativismo dos *shareholders* - e, proporcionalmente, maior preocupação dos *stakeholders* - no sentido de evitar que riscos não considerados adequadamente afetem a imagem e a rentabilidade das companhias. Isso certamente contribuiu para colocar os riscos como prioridade na agenda dos Conselhos de Administração e dos Comitês de Auditoria das empresas - e, cada vez mais, perceberemos essa tendência. Melhor assim. Boa governança e transparência são essenciais para a saúde do mercado e da economia de um país. ■

Percentual de empresas com área de gerenciamento de riscos conforme faturamento

